

MERCADO DE TRABALHO

PNAD-Covid – Divulgação de 16/06/2020 - Principais destaques

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, versão da PNAD Contínua que pretende monitorar as transformações ocorridas no mercado de trabalho brasileiro durante a pandemia da Covid-19. Foram apresentados indicadores e estimativas para quatro semanas de maio, entre os dias 3 e 30.

A análise detalhada dos resultados da pesquisa ainda não é possível, tendo em vista que os microdados correspondentes ainda não foram disponibilizados pelo IBGE. Os resultados agregados apresentados, contudo, já possibilitam algumas observações sobre a evolução do mercado de trabalho brasileiro ao longo do mês pesquisado. Cabe notar que os resultados dessa nova pesquisa não são diretamente comparáveis com a PNAD Contínua, de modo que a breve análise a seguir evita comparações nesse sentido.

O *nível da ocupação* (razão entre pessoas ocupadas e pessoas em idade ativa) variou entre 49,4% e 49,9% durante o mês de maio. Apesar da falta de comparabilidade com pesquisas anteriores, esse nível parece baixo, o que seria um reflexo do impacto negativo da pandemia no mercado de trabalho brasileiro.

A *taxa de desocupação* manteve-se relativamente estável durante as primeiras três semanas de maio, variando entre 10,4% e 10,6%, e subiu para 11,4% na quarta semana, quando se observaram *10,9 milhões de pessoas desocupadas*.

Apesar da elevação na última semana, pode-se afirmar que a *taxa de desocupação manteve-se relativamente baixa e estável* em maio, apesar do significativo choque adverso causado pela pandemia. A explicação para esse fenômeno está possivelmente associada a três fatores básicos.

Primeiro, o contingente de *pessoas sem emprego, mas que não procuraram emprego* em maio – e, portanto, não são consideradas desocupadas –, foi muito elevado. De acordo com o IBGE, na quarta semana de maio, dos 74,6 milhões de pessoas em idade ativa que estavam fora da força de trabalho, 25,7 milhões (ou 34,4% do total) não procuraram emprego, mas afirmaram que gostariam de trabalhar. Logo, o total

Marco Antônio Cavalcanti
Diretor Adjunto na Dimac/Ipea

marco.cavalcanti@ipea.gov.br

Maria Andréia Parente Lameiras
Técnico de planejamento e pesquisa na
Dimac/Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

de pessoas sem emprego, mas que gostariam de trabalhar, chegou a 36,6 milhões no final de maio. Vale notar que a pandemia foi provavelmente o principal fator que levou as pessoas que gostariam de trabalhar a não procurar emprego na semana de referência; segundo o IBGE, desse contingente de pessoas, *17,7 milhões afirmaram não ter procurado emprego por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade.*

Segundo, muitas pessoas foram *temporariamente afastadas do trabalho, mas se mantiveram ocupadas.* Segundo o IBGE, na última semana de maio, havia 17,6 milhões de pessoas ocupadas temporariamente afastadas do trabalho, *14,6 milhões delas (ou 82,8% do total) por conta do distanciamento social* (estavam em quarentena, isolamento, distanciamento social ou férias coletivas).

Terceiro, as possibilidades de *trabalho remoto* em diversas atividades produtivas permitiram manter um grande contingente de pessoas ocupadas e trabalhando. De acordo com a pesquisa, na última semana de maio, havia *8,8 milhões de pessoas trabalhando de forma remota* no país (*home office* ou teletrabalho). O percentual de pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, que trabalhavam de forma remota, no total da população ocupada e não afastada do trabalho, variou entre 13,1% e 13,4% em maio.

Em relação à *informalidade*, a pesquisa destaca que, na quarta semana de maio, do total da população ocupada (84,43 milhões), 29,1 milhões eram trabalhadores informais, ou seja, 34,5%. Nota-se, no entanto, que esse percentual é levemente menor que o observado na primeira semana do mês (35,7%). Cabe, aqui, a observação de que, apesar da falta de comparabilidade direta entre as pesquisas, o nível de informalidade estimado é bastante próximo daquele estimado anteriormente pela PNAD Contínua.

Embora a amostra analisada seja muito pequena (quatro semanas) e restrita a um único mês, alguns dos dados divulgados pela PNAD Covid-19 sugerem que o *mercado de trabalho pode ter começado a responder a uma retomada*, ainda que muito leve, da atividade econômica. Nesse sentido, a evolução de dois indicadores merece destaque: o contingente de pessoas que saíram da força de trabalho por conta da pandemia e o contingente de pessoas ocupadas, mas que foram afastadas por conta do isolamento social.

No primeiro caso, observa-se que o grupo de pessoas que saíram da força de trabalho por conta da pandemia passou de 19,14 milhões na primeira semana para 17,7 milhões na quarta semana de maio, o que parece indicar que o relaxamento

das medidas de isolamento social, aliado à percepção de um “retorno à normalidade” e, muitas vezes, à necessidade da busca por uma ocupação rentável, está trazendo de volta para o mercado de trabalho esse contingente que transitou para a inatividade durante a pandemia. Essa recomposição da força de trabalho pode, de fato, explicar parte do aumento da taxa de desocupação de 10,5% para 11,4% entre a primeira e a quarta semana de maio.

No segundo caso, verifica-se que vem diminuindo a população composta por ocupados que estavam afastados do seu local de trabalho por conta do isolamento social. Se, na primeira semana de maio, esse grupo somava 16,6 milhões, na quarta semana ele já havia recuado para 14,6 milhões, sinalizando que alguns setores estão de fato retornando às suas atividades, ainda que de forma parcial em certos casos.

A observação de que maio já pode ter apresentado sinais de melhora no mercado de trabalho está em linha com a análise do cenário macroeconômico divulgada pela DIMAC/IPEA em 9 de junho, que destacava que, apesar do grau ainda elevado de incerteza quanto à evolução da Covid-19, abril parecia ter sido o “fundo do poço” do ponto de vista da atividade econômica.



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.